



PROCESSOS FONOLÓGICOS NA ESCRITA DA PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN: ESTUDO DE CASO

Marian Oliveira⁴⁵
(UESB)

Vera Pacheco⁴⁶
(UESB)

Alaine Leite Gama⁴⁷
(UESB)

Luana Porto Pereira⁴⁸
(UESB)

RESUMO

A criança, no processo de aquisição de sua língua oral e escrita, cria algumas hipóteses e recursos até que consiga ajustar suas produções às regras de sua língua mãe. Assim, o presente estudo teve como objetivo verificar a ocorrência de processos fonológicos de estrutura silábica na escrita de uma criança com síndrome de Down, buscando estabelecer uma relação com os estudos presentes na literatura sobre os processos encontrados nas fases oral e escrita de

* Doutora em Linguística, Professora do PPGLin–UESB, Núcleo de Pesquisas e Estudos em Síndrome de Down. mdossoliveira@gmail.com.

** Doutora em Linguística, Professora do PPGLin–UESB, Núcleo de Pesquisas e Estudos em Síndrome de Down. vera.pacheco@gmail.com.

*** Mestranda em Linguística (PPGLin-UESB), Núcleo de Pesquisas e Estudos em Síndrome de Down, bolsista FAPESB. laine_leite@hotmail.com.

**** Mestranda em Linguística (PPGLin-UESB), Núcleo de Pesquisas e Estudos em Síndrome de Down, bolsista CAPES. portop91@gmail.com

45

46

47

48



crianças sem a síndrome. Foi possível observar a ocorrência de alguns processos fonológicos de fase inicial e de fases mais avançadas nos dados do sujeito com síndrome de Down. Esses dados reforçam a importância do estímulo precoce tanto no aspecto de desenvolvimento da linguagem oral quanto na aquisição de escrita de crianças para que esse desenvolvimento seja facilitado.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita, Processos Fonológicos, Síndrome de Down.

INTRODUÇÃO

Durante o processo de aquisição típica e atípica da linguagem, a criança passa por diversos estágios de aquisição do sistema fonológico e durante esses estágios é comum que ela apresente algumas formas divergentes daquelas esperadas pelo adulto e realize estruturas silábicas diferenciadas até que consiga fazer os ajustes de acordo com sua língua. Esses estágios vão sendo superados de acordo com a idade, com a adequação da musculatura e com uso mais sistematizado de sua língua materna.

O atraso que a criança com síndrome de Down apresenta no desenvolvimento cognitivo e da linguagem oral pode acarretar comprometimento no desenvolvimento da linguagem escrita, levando-a a apresentar dificuldades de escritas que podem perdurar por mais tempo do que se observa no desenvolvimento da escrita de crianças típicas. Nesse sentido, os textos de crianças com a síndrome, já em séries de escolaridade mais avançadas, podem apresentar formas divergentes típicas de escrita de fases iniciais.

Assim, o presente estudo teve como objetivo avaliar a ocorrência de formas divergentes encontradas na escrita de uma criança com síndrome de Down, buscando verificar os processos fonológicos de estrutura silábica subjacentes nessas formas, estabelecer uma relação com os estudos presentes na literatura sobre os processos encontrados nas fases oral e escrita de crianças sem a síndrome.



Para cumprir tal objetivo, organizamos esse artigo da seguinte forma: além dessa seção, apresentamos uma revisão de literatura (item 2) que aborda desde os segmentos e processos fonológicos na escrita até questões sobre síndrome de Down e escrita; em 3, explicamos como se deu a coleta dos dados e de que forma procedemos a análise dos mesmos; no item 4, procedemos com a análise dos dados encontrados no *corpus* de escrita que coletamos, enfocando àqueles relacionados a processos de estrutura silábica; em 5, apresentamos nossas reflexões finais sobre os achados; por fim, em 6, apresentamos as referências que embasaram a discussão que pretendemos estabelecer.

REVISÃO DE LITERATURA

No processo de aquisição da linguagem, que ocorre nos primeiros anos de vida, a criança passa por diversas fases (embora essas fases não sejam tão bem definidas) até atingir a língua alvo. Durante esse processo ela adquire as sílabas e estabelece a posição destes na sílaba e nas palavras, ou seja, é nesse processo que ela aprende quais são os fonemas da sua língua e como eles serão organizados na formação das palavras (WERTZNER, 2004).

O desenvolvimento do sistema fonológico da criança, inclusive seu inventário fonético e regras fonológicas, ocorre até os 7:0 anos de idade, sendo seu maior período de expansão entre 1:6 e 4:0 anos. Este período é caracterizado pela ocorrência de omissões e substituições de alguns segmentos e estruturas silábicas diferenciadas até que a criança consiga ajustar as regras da sua língua. A aquisição do sistema fonológico é contínua e será alcançada de acordo com a idade, com a adequação da musculatura e com o conhecimento que ela, por assim dizer, “molda” da língua de origem (WERTZNER, 2004).

No que se refere ao nível fonológico podemos destacar como componentes centrais desse sistema os segmentos e as sílabas. De acordo com Miranda e Matzenauer



(2010), associado ao léxico, a criança precisa adquirir o inventário de segmentos, os processos fonológicos, as restrições sobre a estrutura silábica, da estrutura da palavra prosódica e das unidades prosódicas maiores, para que ocorra a aquisição da fonologia de uma língua.

Na próxima sessão e considerando o objetivo desse trabalho – analisar a ocorrência de processos fonológicos de estrutura silábica na escrita de um sujeito com síndrome de Down - enfocaremos aspectos relacionados aos segmentos e sua ordem de aquisição, estruturas silábicas e processos fonológicos.

Estrutura Silábica (SELKIRK, 1992)

As sílabas são formadas pelos segmentos que são unidades que podem ser decompostas em unidades menores chamadas de traços distintivos. Estes traços são propriedades mínimas distintivas em um sistema, sendo capazes de promover contrastes de significado. Alguns modelos teóricos foram propostos para explicar os traços, um deles é a Teoria da Fonologia Autossegmental (MIRANDA; MATZENAUER, 2010).

A sílaba, segundo Nespôr e Vogel (1986), é o menor dos constituintes da hierarquia prosódica a que se aplicam regras fonológicas. A sílaba pode ser constituída de consoantes, vogais ou *glides*, sendo a vogal obrigatória, para o português. As vogais, portanto ocupam o núcleo da sílaba e as consoantes e *glides* poderão ocupar a posição de *onset* silábico ou ataque, ou de coda silábica (SELKIRK, 1992).

De acordo com o modelo de sílaba proposto por Selkirk,(1992), a sílaba é formada por constituintes organizados hierarquicamente, conforme figura 1. Nesse modelo, a posição de *onset* silábico, que é opcional, pode ser composta por uma ou duas consoantes. Quando o *onset* é formado somente por uma consoante é chamada de *onset* simples e quando há duas consoantes é chamado de *onset* complexo, sendo que naquele,

no PB, pode ocorrer a maioria das consoantes e neste a segunda consoante é restrita a ocorrência de uma líquida lateral /l/ ou não-lateral /r/.

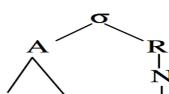


Figura 1: Modelo de sílaba proposto por Selkirk, 1982.⁴⁹

A posição de coda silábica, conforme figura 2, também opcional, assim como no *onset*, pode ser composta por uma ou até três consoantes, porém o número de consoantes que podem ocupar essa posição é bastante reduzido. A coda pode se classificada como simples quando há apenas uma consoante e como complexa, quando formada de duas. A coda está sempre associada ao núcleo da sílaba e esta junção entre a coda e núcleo chama-se Rima (SEARA, NUNES E LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011).

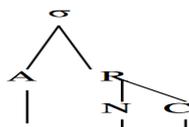


Figura 2: Modelo de sílaba com *coda* travada, proposta por Selkirk, 1982.⁵⁰

A teoria gerativa considera a sílaba como sendo um aglomerado de traço distintivo de classes principais ligados a um segmento. Será atribuído o traço [+silábico] ao elemento núcleo da sílaba e o traço [-silábico] aos demais elementos da sílaba (MARQUES, 2008).

Em função da disposição dos diversos constituintes silábicos, podemos classificar as sílabas no PB em diversos tipos: simples, quando a sílaba apresenta

⁴⁹ Modelo de estrutura silábica com ataque ramificado, proposto por Selkirk, 1982 e que dá conta de sílabas como -pra, da palavra prato, por exemplo.

⁵⁰ Modelo de estrutura silábica com coda travada por consoantes como /N, S, R/, proposto por Selkirk, 1982 e que dá conta de sílabas como -car, de palavra como carta, por exemplo.



somente o núcleo da sílaba; complexas, quando o núcleo é precedido ou sucedido por consoante; abertas ou livres, quando a sílaba não apresenta coda; e fechadas ou travadas, quando possuem a coda (SEARA, NUNES E LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011). Há ainda as sílabas pesadas, aquelas que possuem a rima ramificada, quer pela presença da coda ou pela ramificação do núcleo, no caso de alguns ditongos e das vogais longas (COLLISHON, 2001).

De acordo com Bonilha (2005), são quinze os padrões silábicos do português: V, CV, CCV, CVV, CCVV, VV, CVC, VC, CCVC, CVCC, CCVCC, VCC, CCVVC, CVVC e VVC⁵¹. Lamprecht et. al. (2004) apontam que na aquisição de sílabas do Português Brasileiro ocorra a seguinte progressão no tipo de estrutura silábica no desenvolvimento fonológico de crianças: 1º estágio: CV e V; 2º estágio: CVC e VC; 3º estágio: CCV e CCVC; 4º estágio: CVCC, VCC e CCVCC.

Assim, o desenvolvimento da estrutura silábica irá depender da aquisição dos segmentos não só na gramática da criança, mas também da aquisição destes segmentos nas posições silábicas (MEZZOMO, 2004). Quando uma classe ou sequência de segmentos se tornam uma dificuldade para o sujeito podem ocorrer algumas estratégias de reparo, as quais são chamadas de processos fonológicos e que serão abordados no item que se segue.

PROCESSOS FONOLÓGICOS

Os processos fonológicos são mudanças sistemáticas ou não que afetam uma classe ou sequência de sons e evidenciam padrões que ocorrem com alguma regularidade na fala da criança. A partir de aplicação de processos fonológicos a criança pode vir, por exemplo, a simplificar os alvos dos adultos, tornando estruturas silábicas mais complexas em estruturas mais simples. Esses processos, também chamados de

⁵¹ Câmara Jr. (1992) propõe uma estrutura sílaba em que o travamento silábico ocorre com três segmentos como em, como em /'grauNS/



estratégias de reparo, podem ser classificadas em três grupos: de estrutura silábica, de substituição e de assimilação (MENDES ET AL., 2009; YAVAS et al., 2002). Nesse sentido, os processos de estrutura silábica incluem todos aqueles que alteram a estrutura da sílaba na produção de uma palavra. Os processos de substituição são os que causam qualquer tipo de mudança de uma classe de sons para outra. E por fim, os processos de assimilação ocorrem quando as características de determinado segmento ou sequência influenciam outros na palavra (YAVAS et al., 2002).

Nos processos de estrutura silábica, que é o foco do presente estudo, podemos classificar os seguintes tipos que normalmente ocorrem no processo de aquisição da linguagem (CAGLIARI, 2002; YAVAS, 2002):

Simplificação de *cluster* consonantal: Como o *cluster* consonantal é uma sílaba complexa e posteriormente adquirida, na aquisição a criança acaba por realizá-la de uma forma mais fácil. Há duas opções utilizadas para simplificar o *cluster* consonantal: omitindo sons no *cluster*, ao qual chamamos de redução do *cluster* consonantal, ou inserindo uma vogal entre dois elementos do *cluster*, chamado de epêntese. Ex: ['pimu] ao invés de /'primu/; [te'rej] ao invés de /'treS/.

Apagamento de sílaba átona: Neste processo ocorre o apagamento de uma ou mais sílabas de uma palavra. Ex: [vi'ãw] ao invés de /avi'ãw/; **Apagamento de consoante final:** apagamento de uma consoante final, de modo que a forma final da sílaba termine em uma vogal. Ex: [flo] ao invés de /'floR/

Epêntese: a adição de um fonema a uma sílaba travada. Ex: [na'rizi] ao invés de /na'riS/.

Metátese: ocorre quando há inversão de segmentos dentro da palavra: a) **Metátese intersilábica:** ocorre quando o segmento troca de sílaba. Ex: ['krɔfi] ao invés de /'kɔfri/; b) **Metátese intrasilábica:** o segmento passa de *onset* para *coda* ou vice-versa. Ex: ['baxsu] ao invés de /'brasu/; c) **Metátese recíproca:** quando duas consoantes trocam de posição entre si. Ex: [ama'leru] ao invés de /ama'relu/.



Monotongação: ocorre quando há a simplificação do ditongo de uma sílaba, transformando-a em CV. Ex: ['kafa] ao invés de /'kaija/.

Apagamento de líquida em onset simples: quando há um apagamento da consoante líquida em posição de *onset* simples na palavra. Ex: [pasa'iju] ao invés de /pasa'riju/.

Acréscimo: Considera-se acréscimo a adição de um som aleatório na palavra. Ex: ['mleza] ao invés de /'meza/.

Estudos como os de Ribas (2003), Andrade et. al.(2000) e Ferrante et.al. (2009) mostram que os processo fonológicos são comumente usados como estratégias de reparo e que crianças entre um e três anos de idade apresentam uma quantidade e variabilidade maior de estratégias do que entre três e cinco anos, ou seja, os processos fonológicos vão se modificando e diminuindo com o avançar da idade. Alguns processos, como os de apagamento da sílaba átona, apagamento da consoante final, reduplicação, anteriorização e assimilação, de acordo com estudos, normalmente desaparecem antes dos cinco anos, enquanto outros só desaparecem após esta idade, como é o caso da redução de cluster consonantal, epêntese e metátese (FERRANTE ET. AL., 2009; RIBAS, 2003). Durante o período de aquisição de escrita, muitos desses processos reaparecem, uma vez que a criança, ao ser inserida no contexto escolar, traz, para a escrita, processos que são da ordem da fala, como esboçamos, no item a seguir.

PROCESSOS FONOLÓGICOS EM ESTUDOS DE ESCRITA

De acordo com Miranda e Matzenauer (2010) a criança ao chegar à escola e interagir com a escrita, já possui um bom estado cognitivo e conhecimento/domínio da língua, além de possuir algumas hipóteses sobre a escrita. Assim, a criança ao construir a escrita retoma as informações das experiências de letramento e conhecimentos linguísticos construídos relacionados à fonologia de sua língua, que vão sendo acessados e se tornando conscientes à medida que prossegue o desenvolvimento da escrita.



Além disso, no início da aquisição da escrita, a criança normalmente associa esta à fala, representando na escrita o formato da fala, a transcrição literal dos sons e até mesmo as segmentações não percebidas no contínuo da fala. Por isso, é necessário que a criança perceba que a escrita é a representação de unidades sonoras por unidades gráficas e que uma letra pode representar vários sons e vice-versa (LEMLE, 2005).

Dessa forma, dados produzidos por crianças em estágios iniciais podem dar pistas sobre o funcionamento fonológico da língua. Dados de escrita mostram que os segmentos e sílabas mais complexas normalmente apresentam maiores chances de erro do que as simples. Assim, segmentos que se diferenciam por mínimas características, como o /p/ e /b/, ou segmentos complexos, como o /ʌ/, ou sílabas diferentes da estrutura CV, irão fazer com que as crianças em fase inicial apresentem hesitações ou problemas na escrita (MIRANDA; MATZENUER, 2010). Esse e outros fenômenos também ocorrem na fala e também na escrita de sujeitos com Down.

SÍNDROME DE DOWN: ALGUNS ASPECTOS DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

A síndrome de Down (SD) se caracteriza por ser uma alteração cromossômica e os sujeitos com a síndrome apresentam alterações físicas, motoras e cognitivas. Um dos impactos causados pela síndrome é um comprometimento no desenvolvimento da linguagem, que pode ser originado por alterações físicas como a hipotonia muscular, alterações auditivas, macroglossia e alterações de motricidade orofacial, além de alterações linguísticas como atraso na fala, dificuldades gramaticais, alterações fonológicas, entre outras (CRYSTAL, 1993).

De acordo com Porto, Pereira e Magal (2000) e Feitosa e Tristão (1998) o desenvolvimento fonológico de uma criança com síndrome de Down apresenta as mesmas etapas de desenvolvimento da aquisição normal, porém elas utilizam padrões fonológicos imaturos por mais tempo que crianças sem a síndrome, o que pode ser caracterizado por um atraso ou desvio no desenvolvimento fonológico.



Partindo da hipótese de que o desenvolvimento da linguagem oral e escrita de crianças com síndrome de Down apresenta um atraso devido às alterações físicas e cognitivas, características da síndrome, perguntamos: quais os processos fonológicos de estrutura silábica são mais comuns na escrita de criança com síndrome de Down?

METODOLOGIA

O presente estudo tem como objetivo verificar a ocorrência de processos fonológicos de estrutura silábica na escrita de uma criança com síndrome de Down relacionando com os estudos encontrados na literatura sobre processos fonológicos nas fases oral e escrita de crianças sem a síndrome.

Foram analisados os dados de escrita, coletados num período aproximado de 12 meses, de um sujeito com síndrome de Down, doravante E.P.G.. Quando do início da coleta, EPG contava com 12 anos de idade, o sujeito em questão é do sexo feminino e frequenta a 2ª série do ensino fundamental em uma escola particular de ensino.

Os dados de escrita analisados foram extraídos do banco de dados do Núcleo de Pesquisa Saber Down- UESB/MEC/CNPq. O Núcleo Saber Down é um projeto de extensão que visa à estimulação linguística, cognitiva e física de pessoas com síndrome de Down. As produções textuais de E.P.G. foram obtidas através das atividades pedagógicas realizadas com ela no Núcleo durante o ano de 2014. Foram utilizados para a análise quatro atividades de produção textual livre, duas atividades de compreensão de texto e cinco atividades de ditado de palavras, que no total apresentam uma média de trezentas palavras analisadas. A seleção das palavras foi feita após triagem das atividades escritas encontradas.

A partir dessa análise, foram selecionadas as palavras em que se observava a ocorrência de processos fonológicos classificados de acordo com alteração na estrutura silábica. Foram descartadas da seleção as palavras que não havia como identificar com fidedignidade a sua estrutura. Os dados estão expostos em quadros organizados

considerando a forma preconizada pela ortografia, a forma fonológica e pelo menos uma possibilidade de realização fonética de cada palavra, além da forma grafada por **E.P.G.**. Após o levantamento das palavras, procedemos a análise, como exposto na próxima sessão desse artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como referido anteriormente os processos fonológicos são classificados em três grupos (MENDES et al., 2009; YAVAS et al., 2002): de estrutura silábica, de substituição e de assimilação. Neste trabalho o foco será dado somente aos processos de estrutura silábica nas produções escritas do sujeito com Down.

Os processos de estrutura silábica encontrados nos dados de E.P.G. foram:

a) Simplificação de *cluster* consonantal:

Quadro 1: Simplificação de *cluster* consonantal- formas ortográfica, fonológica, fonética e realização escrita de EPG.

Forma Ortográfica	Forma Fonológica	Forma Fonética	Produção Escrita de E.P.G.
Surpresa	/suR'preza/	[sux'prezɛ]	Supesa
Príncipe	/'priNsipi/	['prĩsipi]	Pispe

Fonte: Elaboração própria.

Nos dados, expostos no quadro 1, encontramos redução do *cluster* consonantal de forma assistemática, pois ao mesmo tempo em que a criança realiza 'Supesa' e 'Pispe', com eliminação do /r/, que é a segunda consoante de agrupamento consonantal, também encontramos, em outros momentos da sua produção escrita, palavras como 'Princesa' sem que ocorra o mesmo fenômeno de redução do *cluster*. Podemos observar nos dados gerais da informante que o segmento /r/, que sofre a eliminação nos dados apresentados no quadro 1, está presente de forma categórica em *onset* simples, como

em /para/, /karu/ etc e de forma assistemática em *onset* complexo, ou seja, pode aparecer ou não.

Esses dados encontrados na escrita de E.P.G. são fortes evidências de que estamos diante de um processo de ajuste de estrutura silábica que independe da natureza segmental, o que reforça o proposto por Mezzomo (2004) de que o desenvolvimento da estrutura silábica depende não somente da aquisição dos segmentos, mas também da aquisição destes segmentos nas posições silábicas.

A eliminação do *cluster* na fala normalmente são umas das últimas a serem superadas, sendo observada até os sete anos (WERTZNER; OLIVEIRA, 2002). De acordo com estudos feitos por Guimarães (2005), a redução do *cluster* consonantal na escrita é mais frequentemente encontrada nas séries iniciais. Segundo esse autor, posteriormente a redução do cluster consonantal pode ser substituída por epêntese de um segmento entre as duas consoantes do cluster para facilitar a complexidade da estrutura silábica, pois a criança apresenta uma consciência de que essa consoante não pode ser simplesmente apagada. A epêntese de segmento no *cluster* consonantal não foi encontrada nos dados do sujeito analisado, o que pode sugerir que este ainda não tenha alcançado este estágio ou que já compreende a regra fonológica, mas ainda não a sistematizou na escrita.

b) Apagamento da *coda* silábica

Quadro 2: Apagamento da coda silábica - formas ortográfica, fonológica, fonética e realização escrita de EPG.

Forma Ortográfica	Forma Fonológica	Forma Fonética	Produção Escrita de E.P.G.
Surpresa	/suR'preza/	[sux'preze]	Supesa
Conquista	/koN'kiSta/	[kõ'kiste]	Coqita
Manga	/'maNga/	['mãge]	Maga
Gosta	/'goSta/	['goste]	Gota
Perguntou	/peRguN'tou/	[pehgũ'tow]	Pegutou
Ninguém	/niN'geN/	[nĩ'gẽ]	Nigem
Esconde	/es'koNdi/	[es'kõdi][is'kõdʒi]	Coscode

Fonte: Elaboração própria.

Podemos observar que a criança não representa na escrita os arquifonemas /S/, /R/,/N/, fazendo uma simplificação de estruturas silábicas travadas por esses segmentos gerando, assim uma estrutura CV. Na fala, essas produções normalmente são superadas até os quatro anos de idade, sendo a sequência de aquisição dos segmentos nessa posição: nasal, fricativa e rótico. Porém, nas produções de escrita normalmente se observa o contrário, há uma aquisição primeiro da fricativa e do rótico para posteriormente surgir a nasal (MIRANDA; MATZENAUER, 2010). Esse apagamento da consoante final nas produções escritas, de acordo com estudo de Guimarães (2005), é encontrado tanto em crianças de séries iniciais quanto em séries mais avançadas.

c) Metátese:

Quadro 3: Metátese - formas ortográfica, fonológica, fonética e realização escrita de EPG.

Forma Ortográfica	Forma Fonológica	Forma Fonética	Produção Escrita de E.P.G.
Padre	/'padri/	['padri]	Peder
Armário	/aR'mariu/	[aɣ'mariw]	Ramário

Fonte: Elaboração própria.

Foram observadas metáteses intrassilábicas, tanto de *onset* para coda como vice-versa. Observa-se que o sujeito faz metátese devido ao fato de a aquisição ainda estar assistemática com relação às estruturas CCV e VC. Porém, é interessante observar que ela faz preferência pela estrutura VC do que a CCV, o que pode ser explicado pelos estágios que Lamprecht et al. (2004) observaram sendo o VC adquirido no 2º estágio e a estrutura CCV no 3º. Este processo, de acordo com seus estudos, é normalmente realizado por crianças mais velhas.

d) Monontogação:

Quadro 4: Monontogação – formas ortográfica, fonológica, fonética e realização escrita de E.P.G.

Forma Ortográfica	Forma Fonológica	Forma Fonética	Produção Escrita de E.P.G.
Pereira	/pe'reira/	[pe'rejɾe]	Perela
Feijão	/fei'zauN/	[fe'zãw]	Fejão
Muito	/'muitu/	[muĩtu]	Muto
Aniversário	/aniveR'sariu/	[anivex'sariw]	Aniversaro

Fonte: Elaboração própria.

Este processo ocorre devido a não sistematização da coda silábica na escrita e também devido à facilidade do ditongo sofrer redução tornando-se uma estrutura simples CV. De acordo com estudo realizado por Elias (2008), essa estrutura ocorre nas séries iniciais e vai desaparecendo de acordo com o avanço escolar.

Os processos fonológicos de apócope, apagamento de sílaba átona, apagamento de líquida em *onset* simples e acréscimo não foram observados nos dados produzidos por E.P.G.

Um dado extra e que gerou curiosidade na análise das produções do sujeito analisado foi a realização de produções como 'Eduda' para 'Eduarda' e 'Sdo' para 'Estudo'. Percebemos que na produção realizada por E.P.G, houve apagamento de uma sílaba, porém esse apagamento não corresponde a uma sílaba átona, como normalmente pode ocorrer, mas da sílaba tônica da palavra, quadro 5, a seguir:

Quadro 5: Apagamento de sílaba tônica - formas ortográfica, fonológica, fonética e realização escrita de EPG.

Forma Ortográfica	Forma Fonológica	Forma Fonética	Produção Escrita de E.P.G.
Edu <u>arda</u>	/edu'aRda/	[edu'ahdɛ][ɛdu'ahdɛ]	Eduda
Est <u>udo</u>	/es'tudo/	[es'tudu] [is'tudu]	Sdo

Fonte: Elaboração própria.

A eliminação de uma sílaba tônica inteira observada em alguns poucos casos na escrita de E.P.G., leva-nos a hipotetizar que essas ocorrências devam-se simplesmente a uma distração sua, não sendo evidências do seu trajeto aquisicional da linguagem escrita.



CONCLUSÕES

Os dados de E.P.G. nos permitem observar que ela ainda está em fase de desenvolvimento do processo de escrita, pois podemos verificar a ocorrência de variados processos fonológicos o que nos mostra que ela ainda não compreendeu algumas regras da sua língua escrita. Ela realiza alguns processos de fases iniciais como é o caso da monotongação e apagamento da sílaba átona, porém também realiza assistematicamente processos, como o de redução de cluster consonantal, que são observados em fases mais avançadas.

Com isso, podemos confirmar o que alguns autores afirmam que o indivíduo com síndrome de Down apresenta um desenvolvimento com etapas esperadas, semelhante à criança sem Down, porém estas etapas são um pouco mais lentas e difíceis de serem solucionadas para a criança com síndrome de Down do que nas crianças com desenvolvimento típico.

Assim, podemos dar ênfase à importância de realizar um estímulo precoce desses indivíduos tanto no que se refere ao desenvolvimento linguístico quanto ao escolar, ajudando-os dessa forma, a superar essas etapas de maneira menos penosa e demorada.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C.R.F. et al. **ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática**. Barueri: Pró-Fono, 2000.
- BONILHA, G.F.G. **Aquisição fonológica do Português Brasileiro: uma abordagem conexionalista da teoria da otimidade**. 2005. 393f. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2005.



- CAGLIARI, L.C. **Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico.** São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa.** Petrópolis: Vozes 1992.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em Português. In: BISOL, L. (org.) **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro.** Porto Alegre: EDIPURS. p.91-123.2001.
- CRYSTAL, D. **Patologia del language.** Salamanca: Gráficas Ortega, 1993.
- ELIAS, J.B.M. Monotongação: um metaplasmo presente na aquisição da escrita de crianças nas séries iniciais. In: **Rev. Augustus**, Rio de Janeiro, 26 ed, n.04, 2008.
- FEITOSA, R.M.; TRISTÃO, R.M. Linguagem na Síndrome de Down. In: **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 14, n. 2, p.121-126, 1998.
- FERRANTE, C.; BORSEL, J.V.; PEREIRA, M.M.B. Análise dos processos fonológicos em crianças com desenvolvimento fonológico normal. In: **Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v14, n1, p.36-40, 2009.
- GUIMARÃES, R.M. **Um estudo sobre a aquisição da ortografia nas séries iniciais.** 2005. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2005.
- JAKOBSON, R. **Child language, aphasia and phonological universals.** The Hague: Mouton, 1968.
- LAMPRECHT, R.R. et al. **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia.** Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Modelo padrão de aquisição de contrastes: uma proposta de avaliação e classificação dos Desvios Fonológicos.** 2009. 217f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, Pelotas. 2009.
- LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador.** 16. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- MARQUES, L.F. **Estruturas silábicas do português do Brasil: uma análise tipológica.** 2008. 258f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008
- MENDES, A.P. et al. **Teste Fonético-Fonológico ALPE.** Aveiro: Edubox, 2009.
- MEZZOMO, C. **Aquisição da coda no português brasileiro: uma análise via teoria de princípios e parâmetros.** 2003. 231f. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.
- MIRANDA, A.R.M.; MATZENAUER, C. L. B. Aquisição da Fala e da Escrita: relações com a Fonologia. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v.35, p. 359 - 405, janeiro/abril 2010.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology.** Dordrecht: Foris, 1986.
- OLIVEIRA, C.C. **Aquisição das fricativas /f/, /v/, /S/ e /Z/ do Português Brasileiro.** 2002. 160f. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2002.
- PORTO, E.; PEREIRA, T.; MARGALL, S.A.C. Análise da produção articulatória e dos processos fonológicos realizados por crianças portadoras de Síndrome de Down. In: **Pró-Fono**, Carapicuíba, v. 12, n. 1, p. 34-39, 2000.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- RIBAS, L.P. Onset complexo: características da aquisição. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.38, n. 2, p. 23-31,2003.
- RONDAL, J. A Dificultades del lenguaje em el síndrome de Down: Perspectiva a lo largo de la vida y principios de intervención. In: **Revista Síndrome de Down**, España, v. 23, n. 91, p.120-128, 2006.
- SEARA, I.C.; Nunes, V.G.; Lazzarotto-Volcão, C. **Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC,2011.
- SELKIRK, E.O. The syllable. In: HULST, H. & SMITH, N. **The structure of phonological representations**. Dordrecht: Foris, v.II, p.337-379,1982.
- TRENHOLM, B.; MIRENDA, P. Home and community literacy experiences of individuals with Down syndrome. In: **Down Syndrome Research and Practice**, v. 10, n. 1, p. 30-40,2006.
- WERTZNER, H.F. Fonologia: desenvolvimento e alterações. In: FERREIRA L.P., BEFILOPES D.M., LIMONGI S.C.O. **Tratado de fonoaudiologia**. São Paulo: Roca; 2004. p.772-86.
- WERTZNER, H.F.; OLIVEIRA, M.M.F. Semelhanças entre os sujeitos com distúrbios fonológicos. In: **Pró-Fono**, Carapicuíba (SP), v.14, n.2, p. 143-152, maio-ago,2002.
- YAVAS, M., HERNANDORENA, C.; LAMPRECHT, R. **Avaliação Fonológica da Criança: reeducação e terapia**. São Paulo: Artmed Editora.2002.